



O Norte se recupera, enquanto o Sul ainda espera: Perspectivas para a América Latina e o Caribe



[Alejandro Werner](#)

17 de abril de 2015

A atividade econômica na América Latina e no Caribe vem esfriando há alguns anos e a temperatura continua a cair em muitos países. **No momento, a expectativa é que o crescimento regional caia para menos de 1% em 2015, abaixo dos 1,3% registrados em 2014.** Salvo a breve recessão durante a crise financeira mundial, essa seria a menor taxa de crescimento desde 2002.

Contudo, em linhas gerais, a dinâmica do crescimento varia entre o norte e o sul da região. É possível que a primavera já tenha chegado ao México, América Central e partes do Caribe, enquanto o clima econômico continua inquestionavelmente frio em boa parte da América do Sul. O que está por trás dessas perspectivas divergentes e o que pode ser feito para restabelecer um panorama mais ensolarado em toda a região?

Sinais da primavera ao norte...

Dois fatores externos contribuem de forma crucial para as perspectivas da região:

- A sólida recuperação da economia americana, cujo crescimento deve chegar a 3% em 2015.
- A persistente debilidade dos mercados mundiais de commodities, incluindo o [colapso dos preços do petróleo](#) desde meados de 2014.

Para a maioria das economias da **América Central e do Caribe**, ambos os fatores são positivos. Por estarem

relativamente mais ligadas à economia americana por meio de fluxos comerciais, de remessas e do turismo, elas se beneficiarão do dinamismo da atividade nos Estados Unidos, ainda que esta seja acompanhada de elevação gradual dos juros nos EUA. Ao mesmo tempo, a queda dos preços do petróleo

América Latina y el Caribe: Crescimento do PIB real (em porcentagens)

	2013	2014	Projeções	
			2015	2016
América Latina e Caribe	2,9	1,3	0,9	2,0
América do Sul	3,3	0,7	-0,2	1,3
Economias financeiramente integradas (AL6)	2,8	1,4	1,2	2,4
Outras exportadoras de commodities	3,1	-0,2	-1,6	-0,3
América Central	4,2	4,0	4,2	4,3
Caribe				
Dependentes do turismo	0,5	0,8	1,8	2,3
Exportadoras de commodities	2,4	1,7	1,7	2,2
Pró-memória:				
Brasil	2,7	0,1	-1,0	1,0
México	1,4	2,1	3,0	3,3

Fonte: FMI, *World Economic Outlook*.

Nota: AL6 = Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Uruguai. Outros países exportadores de commodities = Argentina, Bolívia, Equador, Paraguai e Venezuela. Todos os valores agregados são médias ponderadas pelo PIB-PPP.

representa um alívio significativo ao reduzir, em média, os gastos com importações em 3 a 4 pontos percentuais do PIB. A aceleração do crescimento seria mais forte caso não houvesse problemas internos de longa data que continuam a pesar sobre as economias, sobretudo as fracas posições fiscais de muitos países e os consideráveis desafios em termos de competitividade nos países caribenhos dependentes do turismo. A melhoria da conjuntura externa constitui uma boa oportunidade para avançar nestas questões.

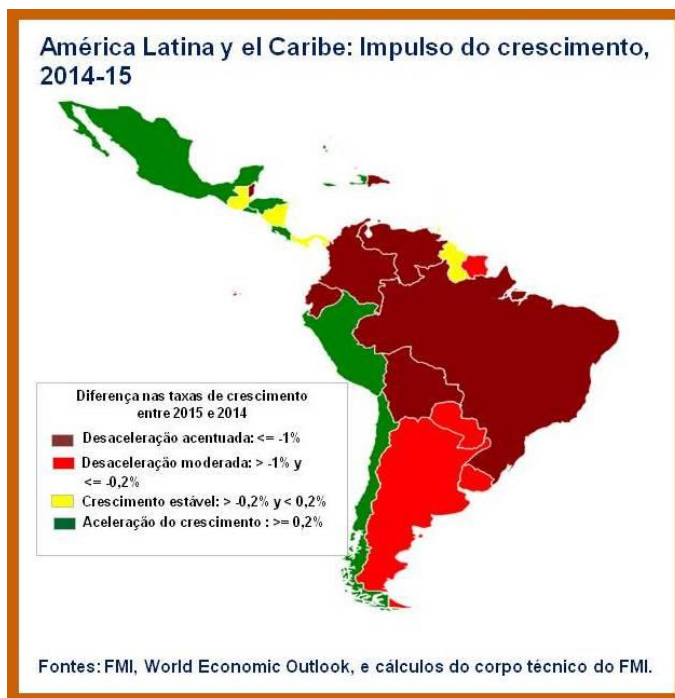
A economia mexicana, por sua vez, deve acelerar o seu ritmo de crescimento apoiada no fortalecimento da demanda americana. A queda dos preços do petróleo gerou perdas de receita fiscal, mas os obstáculos ao crescimento devem ser limitados uma vez que a produção de petróleo já não representa uma parcela significativa da atividade econômica.

... mas as temperaturas continuam baixas ao sul

No caso da **América do Sul**, em contraste, a evolução recente do ambiente externo mostrou-se desfavorável de uma maneira geral. Os vínculos comerciais com a economia americana são relativamente modestos, o que limita os efeitos secundários positivos. Adicionalmente, o declínio dos preços das commodities atingiu

os grandes exportadores desses produtos na região. As economias mais afetadas nos últimos meses foram aquelas com significativas exportações de gás e petróleo, com destaque para Venezuela, Bolívia, Equador e Colômbia, cujos termos de troca (o preço das exportações em relação ao preço das importações) se deterioraram fortemente. Desafios específicos em alguns países, como a baixa confiança do setor privado no Brasil e o agravamento da crise econômica na Venezuela, pressionam ainda mais as perspectivas.

Nessa conjuntura, o crescimento deve desacelerar-se ainda mais na maior parte da América do Sul, à medida que a debilidade do investimento privado se propague para o consumo das famílias. Três das maiores economias (Argentina, Brasil e Venezuela) devem contrair-se em 2015. Pelo lado positivo, o crescimento deve ser retomado no Chile e no Peru, com o suporte de políticas fiscais e monetárias ancoradas em marcos macroeconômicos sólidos e, também, no espaço de manobra construído durante os bons tempos. Nos demais países, as perspectivas dependem das capacidades de cada um para efetuar ajustes e da natureza dos choques externos que enfrentam — no Uruguai, por exemplo, os termos de troca melhoraram já que os ganhos na redução dos custos de importação de petróleo compensaram as perdas com a queda dos preços das exportações de produtos agrícolas. A flexibilidade do câmbio pode desempenhar um importante papel para facilitar o ajuste na medida em que direciona a demanda para bens produzidos internamente. A Colômbia é um bom exemplo, pois a desvalorização acentuada do peso deve impulsionar a demanda pelas exportações de outros produtos além das commodities.



Não há soluções fáceis para elevar a temperatura

Mesmo com a América do Sul enfrentando baixas taxas de crescimento, o desemprego mantém-se em níveis historicamente baixos na maioria das grandes economias. A inflação está acima do centro das metas, enquanto os déficits em conta corrente aumentaram ainda mais, de um modo geral. Juntos, esses fatos sugerem que a capacidade ociosa da economia ainda é limitada. Com uma nova revisão para baixo das previsões de crescimento no médio prazo, parece claro que a região está enfrentando mais do que uma mera desaceleração cíclica passageira.

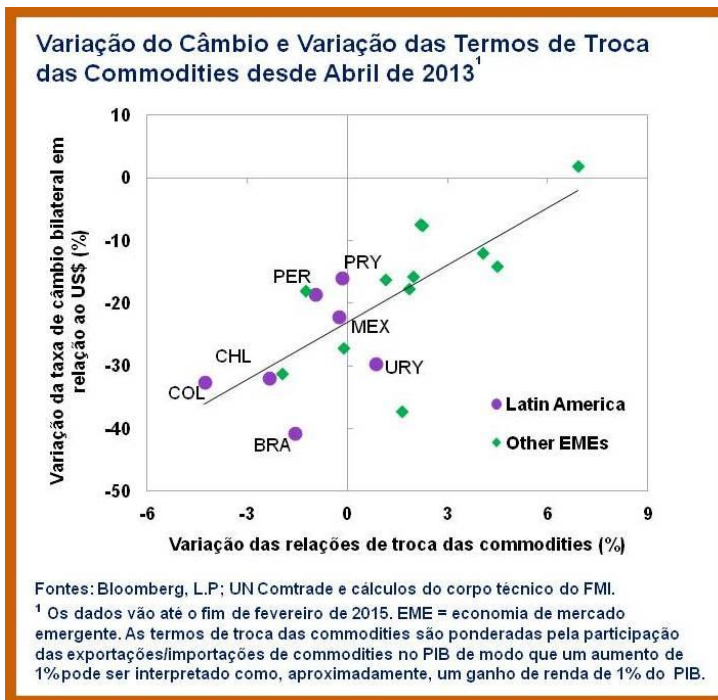
Ademais, as perspectivas de crescimento mais moderado por razões estruturais coincidem com uma perda significativa de margem de manobra da política econômica, na medida em que os espaços fiscais foram diminuídos em muitos países e a desvalorização do câmbio reduziu a margem para o relaxamento das condições monetárias.

O que fazer para o sol brilhar de novo

Em vista de tudo isso, é preciso agir com cautela para evitar aquecer a economia com um estímulo excessivo da política macroeconômica. Antes, para restabelecer as perspectivas de crescimento sólido, será necessário focalizar a atenção em soluções voltadas para as debilidades estruturais, incluindo infraestrutura, educação, governança e ambiente de negócios.

Por toda a América Latina, as autoridades também precisarão acompanhar de perto os riscos no setor financeiro. Após vários anos de franca expansão do crédito, entrada de grandes volumes de capitais e crescimento da emissão de títulos privados nos mercados internacionais, as empresas e famílias em muitos países agora se veem diante de condições de financiamento mais restritivas e, paralelamente, os lucros das empresas e o emprego começaram a enfraquecer. Além disso, uma normalização da política monetária nos EUA a um ritmo mais rápido do que o esperado ou outros choques em escala mundial poderiam gerar novas turbulências nos mercados financeiros, ao mesmo tempo em que a forte valorização do dólar poderia prejudicar devedores com passivos em dólar sem proteção cambial. No geral, solidez financeira e compromissos críveis em matéria de política econômica são o melhor seguro contra as perturbações financeiras. Os bancos centrais, em especial, devem concentrar-se em manter a inflação dentro da meta e estarem prontos a intervir de forma direcionada para coibir a volatilidade excessiva do câmbio ou dinâmicas desordenadas nos mercados.

Em suma, as autoridades de toda a América Latina e Caribe têm muito trabalho pela frente. Se vigiarmos os riscos financeiros, assumirmos um firme compromisso com políticas macroeconômicas prudentes e avançarmos de maneira resoluta nas reformas estruturais, este longo período de frio acabará dando lugar a temperaturas mais quentes em toda a região novamente. Exploraremos esses tópicos mais a fundo no nosso próximo relatório sobre as perspectivas econômicas regionais, a ser publicado em 29 de abril.



Alejandro Werner assumiu o cargo de Diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo Monetário Internacional (FMI) em janeiro de 2013. Cidadão mexicano, construiu uma carreira de destaque nos setores público e privado, assim como no meio acadêmico. Foi Subsecretário da Fazenda e Crédito Público do México de dezembro de 2006 a agosto de 2010, professor de Economia no Instituto de Empresa de Madri, Espanha, de agosto de 2010 a julho de 2011 e Chefe do Setor Corporativo e de Investimentos do BBVA-Bancomer de agosto de 2011 ao fim de 2012. Além disso, foi Diretor de Estudos Econômicos do Banco do México e professor no Instituto Tecnológico Autônomo do México (ITAM). Já publicou numerosos trabalhos e foi apontado Jovem Líder Mundial pelo Fórum Econômico Mundial em 2007. Doutorou-se no Massachusetts Institute of Technology (MIT) em 1994.